



E VOVÓ viu a Copa



Meu filho, Miguel, foi quem me chamou a atenção: “já reparou que no plural de avós e avós, o substantivo é feminino?”. Fato: comemoramos, neste sábado, 25, o dia dos “avós”, não dos “avôs”. A imagem que nos vêm à cabeça é a dessas senhoras amáveis, mães de nossas mães ou pais, ainda que os gramáticos, esses patrulheiros da língua alheia, expliquem que, nesse caso, o plural não é feminino (tanto que o artigo continua macho, “os avós”). Seria apenas uma acomodação fonética; assim como o ovo, que, no plural,

passa a ter seu primeiro “o” pronunciado como se tivesse acento agudo, “óvos”.

Mas, deixando de lado óvos e avôs, merecem o protagonismo essas — em geral — respeitáveis e adoráveis mulheres. São, afinal, bem mais lembradas do que os avôs, quando o tema é ‘avosidade’. São mais numerosas, também. Os homens têm o curioso hábito de deixar mais cedo este mundo cruel; as avós têm maior prazo de validade.

Não faz muito tempo, falar de avó implicava em recorrer ao estereótipo da velha senhora risonha e acolhedora, disponível para os netinhos e recolhida ao ambiente doméstico. As avós de hoje não cabem no clichê. O envelhecimento da população, o maior cuidado com a saúde e a maior autonomia feminina aumentaram, nos últimos anos, o número de avós que trabalham fora de casa, praticam esportes ou mantêm algum tipo de atividade de lazer. Namoram, inclusive. A menopausa é enfrentada com reposição hormonal.

A viuvez, quando não substituída por romances maduros, preenchida pelas amizades, de clubes de leitura a cursos livres de habilidades manuais. Vovó é pop, é fashion; se duvidar, é funkeira. A modernidade

também desmoralizou o velho chavão de que pais educam e cabe aos avós estragar os pimpolhos. No tribunal progressista da internet, estão condenados ao fogo do cancelamento os avós que avacalham as proibições modernas, contra a comida açucarada ou ultraprocessada, que sabidamente vicia e faz mal, ou a leniência no uso do celular, que ameaça transformar as novas gerações em zumbis deslizando telas à procura de dopamina.

Por um lado, vai se reduzindo a expectativa (ou exigência) de que os avós estarão sempre disponíveis em casa para cuidar da criançada enquanto os pais cumprem compromissos; por outro, não sobrevive por muito tempo a ideia de que ser avô ou avó é só festa e complacência. Com a idade, vêm novas responsabilidades, já dizia minha avó Edith (mentira; os bordões dela eram mais bem-humorados, do tipo “esse aí se faz de galho velho, para comer milho na mão”; ou o dito de pura sabedoria macróbia: “quem muito se abaixa, os fundilhos exhibe”).

Nem velhos conceitos de disciplina, nem concessões desmedidas: os avós do século 21 têm mais liberdade para manter hábitos da juventude, para cuidar

de si mesmos, e, quando se trata de dar atenção aos netos, a necessidade de se atualizar em matéria de pedagogia.

Boa pedagogia, aliás, deve ter sido a aplicada pelos avós de uma das estrelas da Copa, o Josimar, goleiro que levou a decisão entre a campeã Espanha e o time de Cabo Verde a ser decidida somente nos pênaltis. Josimar, quando criança, revoltado com os maus tratos dos meninos maiores, fazia birra, chorava e ia se consolar com os avós que o criaram, e que lhe valeram o apelido hoje famoso: Vozinha. Combativo, subverteu o pejorativo “criado pela avó”.

Esses avós certamente souberam transformar a revolta e decepção do neto em motivação para vencer obstáculos. Hoje, comemoram a transformação do garoto frustrado das peladas de rua no incrível Vozinha, viva o craque. E viva todos os avós que, com amor e inteligência, prestam esse apoio desafiador aos próprios filhos e filhas, na formação das filhas e filhos deles. (E, ok, dar um chocolate escondido antes do almoço não prejudica a molecada, vai).

Sergio Leo é jornalista e escritor